

Antonio Tabares da Silva
maio 19/3/75

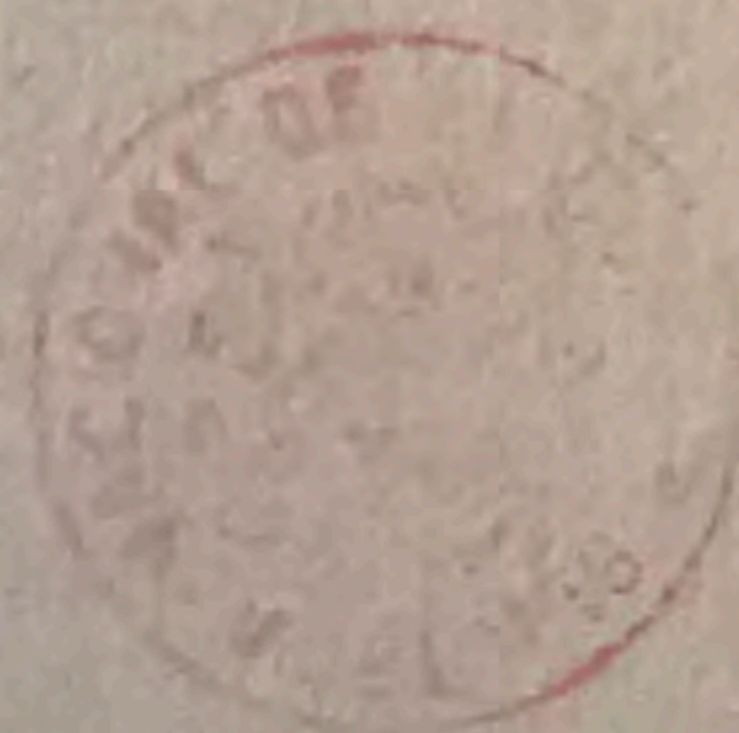
tríptico



Desenho de Alvaro Cebreiro

arte-poesia-crítica

6



O C A R R O S S E L

«**M**essieurs-dames, un tour de cochon!... Montez, mes amours!...»

Eis o guincho apregoativo da mulhe-
runca "estafermosa de avental curto todo
amarelo vistoso, blusa tricotada em verde
hortelã, cerrada ao tronco como meia
elástica, gâmbias musculosas forradas em
malha cor de tango, afrodisíacas e ber-
rantes, calçadas até à rótula por botinas de duraque
pardacento com os seus cento e vinte ilhoses polidos, e pers-
pontadas na gáspia com desenhos de tatuagens de marujo.

Encaracolada a papelotes na véspera, a sua gafarina
de *rouquine* sardenta é todo o seu orgulho de beldade
que foi nos assaz distantes tempos de acrobata de circo,
quando por conta do primeiro amante conseguia desper-
tar ciúmes aos machos, fazendo requebros de cadela
fraldiqueira ao enfiar-se pelas argolas de ferro e ao sal-
titar na corda bamba de guardassolinho nipónico na
dextra, fazendo equilíbrios de graça e de garça, que
era a tentação de todo o magala que a contemplava,
aplaudida e beliscava. Hoje essa trunfa hirsuta como
ouriço-cacheiro, de pucho alçado na nuca, cocoruto
emproado sobre mil ganchos de latão, jardim suspenso
desta babiloneca que é a feira, dum loiro ruivo e de
rêpas cortadas como pentinho meúdo à flôr da testa,
assim como os seus olhos verde-gato mexediços, felinos
e arteiros a formarem salto ao público palonso, bistra-
dos em redor como mascarilha de arlequim afivelada
que nem lunetas fumadas, presos ao nariz achatado a
punhetaço e com corcova no pino, de asas resfolegantes,
com rugas em arco, de buldogue farejando vianda,
pedindo vícios e enfretando os sócos, dum rubro aceno-
irado que o alcool e o desejo lhe deram, tem seu quê de
faiança chinesa, meio buda meio cachorro, como essas
que vemos pelas montras dos *bulevares*, bonecos de fan-
caria para burguesoide de barato gosto. O mento que
se adivinha ter sido de pierrete, agora informe e encar-
quilhado como noz revelha, encardido, rugoso e às
arrecuas, é abafado pela papeira balofa que recorda
balão do Grandela retesado e que desce até aos peitos
gordalhudos que o espartilho empina, formando dest'arte
um jôgo de bolas descomunais e algo esmadrigadas que
o decote encaixilha geométricamente, tal como nos com-
pendios escolares se explica aos gaiúlos o que é uma
trindade de circunferências tangentes. Tôda maquilhada
a oca de cosinha, a ruge de telha e a negro de rôlha
queimada, com uma boca polpuda, cubiçosa e larga,
aberta à trôche-môche por capricho de navalha canalha,
dum carmim estridente e viscoso que tresanda a pústula
suspeita, bocarra venenosa e má, talhada para carrascão
e obscenidades, sustendo a clássica cigarrilha ao canto,
à laia de galdéria de revista, como prégo que impede a
chaga de mais se rasgar, e deixando ver a cárie dos
dentes raros de mentirosa, como os de serra estragada,
amarelecidos e curtinhos, de roedor, mostra de quando
em vez, [ao apregoar, um enxerto de oiro já oxidado,
única joia que possui em todo o corpo, mas já muito
menos brilhante que a cabeleira, juba que á força de
ensopamentos em águas oxigenadas e esfreganços de
unguentos e brilhantinas rançosas, reluz ao sol que nem
capacete de bombeiro, empenachado por uma maçaroca
de aparas de cobre, torcidas e retorcidas como chavelhos
de borrêgo.

Firme como um cêpo, junto à caixa dos ganhos,
mealheiro pintado a zarcão, pernas escarranchadas para
melhor equilíbrio, bem *campée* nas pantorrilhas de
balaustre, telinta os francos na palma da mão suja e de
dedos reduzidos, como quem lhes toma o péso, anun-
ciando a mercadoria com réles trejeitos, gaiteira e den-
gosa, na sua voz roufenha de pichel amolgado:

« — Uma volta, 50 centimos, meus senhores!... »,
E é só trepar para o lombo do orelhudo cevado de car-

valho... Há quarenta a escolher, todos iguais e rosados
que direis — salvo seja!... crianças grandes em pelota
todos lusídios, toões a rir, todos a piscar um olho de
troça mortos por andar à roda, para cima e para baixo,
ao som daquele estafadíssimo realejo automático revestido
a espêlhos, que pela milêssima vez esganiça a can-
ção da *Mariette*, num compasso monótono mas estroina...!

« — *Mariette... ma petite Mariette...* »

E enquanto o carrossel gira aos solavancos, os pares
se abraçam com cio fingindo medo ao perigo de se esta-
telarem, as garotas excitadas, de sentidos e cabeça tonta,
dão gritinhos em falsêto assustadiço e os machões simu-
lam lubricamente desequilibrarem-se para se lhes agar-
rarem às nádegas, os *cochons* de madeira envernizada
continuam a rir de focinho erguido catrapiscando a clien-
tela num esgare de manipanço mal cavacado, e a meretriz
directora do torneio, repetindo o seu pregão aguarden-
tado, vae apalpando as coxas dos mancebos que lhe
passam ao lado na montada suina, e vae fazendo contas
pelos dedos aos mariolas que desejou e aos lucros que
embolsou nessa tarde, trauteando simultaneamente a
calilena do realejo:

« — *Mariette!... Ma petite Mariette!...* »

A freguesia esquentada pelo folguêdo é composta de
boniches e operarios na sua maioria, uma ou outra cos-
tureirita do bairro e algum estudante boémio de passa-
gem, que na democracia do riso trepam aos flancos do
animaleco de pau com cauda alçada e torcida, como
bigodes de gendarme, tudo à cata da excitação animal,
da sensaçõesinha de estonteamento, coração aos pinotes
e brejeirice no instinto, como caloiros temeratos "a
ensaiarem o vôo no desenxovalho traficante do fameaçô.

Agora é o méco proprietário do aparelho rolante,
carroça giratória que engoda os papalvos e diverte os
foliões, que de côco fóra da moda sobre o olho papudo
e cúpido, e de rabêta entre as beičanas deformadas pelo
geito de chupar fumo, bigodinho espontado à Charlot,
pupila de rato gatuno, com um *tricot* cinzento a cobrir-
lhe o arcabôço de carregão e o cachaço taurino, lenci-
nho encarnado de seda crua no bolsinho da jaqueta mal
cerzida, no seu vozeirão sifilítico, igual ao da caixa de
música a que acaba de dar corda por meio duma mani-
vela que nos matraqueia os ouvidos num ruído antipá-
tico de trique-traque palhaço, grita à multidão pasmadiça
batendo as palmas como quem chama creados de café:

« — *Montez, mesdames!... montez!... Dix sous
chaque tour! Allons mes enfants!...* »

E metendo dois dedos imundos às guelas, tal como
os cabreiros chamando o gado tresmalhado, atira dois
assobios por cima da feira, correndo logo ao balcão a
rufar num tamborineco esventrado, em acompanhamento
da cantiga que a rapasiada já trauteia...

« — *Si tu veux... faire mon bonheur!...* »

Já as luzes começam de se acender por tôdas as *boites*
da feira. Os reverberos electricos multiplicam-se nos
espêlhos da barraca do manêjo, fazendo mirabolancias
de reflexos enquanto êste rodopia. A alegria redroba e
agora, mais claridade dum lado, mais trevas do outro,
a intensidade do apertão parece fazer crescer o alarido
e água na boca ao pequenome que se derrete de gôso
sobre as espadas roliças dos leitões rosados, que em
sarabanda de fecha-a-roda maniaca, continuam de tromba
levantada a fazer de olho a quem os monta, numa riva-
lidade sem consequências com a matrona de pêlo doirado,
tão hácora como êles, e tão enxundiosa.

E o órgão da Barbaria lá recomeça mais um número
do seu parco reportorio coxeante, sol-i-dó de circo, cada
vez mais rouco, cada vez mais fanhoso:

« — *Va z' y, Mariá, ... la terreur de Batignolles!...* »

Paris, 1923.

DIOGO DE MACEDO.

POEMAS GALEGOS

CANTIGA NOVA

A ALVARO CEBREIRO,
AO ARTISTA IRMÃO.

Na cerdeira do meu horto
os paxaros a cantar.
A delicia da alborada
somentes fai-me chorar.

Na cerdeira do meu horto
roxa de tal pedraria
assobia o paxariño
e eu sinto melancolia.

Puxen-me a pensár en ti
sob a cerdeira frorida.
O ar desfolhaba as frores
numa fonte entristecida.

Tenho unha barca ligeira,
tenho un caminho no mar,
se me dis que não me queres
un dia não ei voltar.

Fose eu unha fror singela
margarida entre a herba mol:
fose eu entre o verde prado
unha pingota de sol.

Quizera ser paxariño
que voa ao sol, minha nai,
quizera ser como aquela
barca branca que se vae.

Poi-me na cova unha fror
e unha pedra que diga
« pobre cativo de Amor »

Se eu te miro enamorado
ti és unha reina altiva.
Se fago que não te vexo
miras-me tão pensativa...

O rodizio do moinho
canta sempre a sua canzon
qual rodizio cantareiro
o meu pobre corazon.

A auga vai caladinha
sob os olmos da ribeira.
Eu me lembro minha noiva
quando estaba a tua veira.

No ceo da noite brilhan
centos de estrelas e a lúa,
Eu minha noiva longana
vou lembrando a imagen tua.

Inda me lembro de ti
e guardo um recorde teu.
Aquele teu rir tão lindo!
Se algum te quixo fui eu.

Já se vae morrendo o dia
vão as pombas pelo ceo.
Ai, minha noiva longana
ai, as pombas do teu ceo!

Minha noiva, minha noiva,
como recorde aquel dia.
Recorde o primeiro beijo
c'unha gran melancolia.

EU. CORREA-CALDERÓN.

R I M A S

No mais fondo, no mais fondo
lébo-te dentro de min,
entrache un día xogando
por sempre quedache ali.

Xa o' sabes, crava o puñal
sin ter compasion de min,
pero non-o enterres moito
porque te podes ferir.

Aos pés do Santo Cristo da Amargura
xuntas van a rezar
nais, mulheres e noivas dos soldados
que combatindo contra o mouro están.

Todas piden o mesmo, ¡ p'ro que diferenza
n'essas pregarías hai!
Soñadoras as noivas din: « ¡ Señor
que volte xeneral! »

As mulheres, pensando nos filliños
rezan murchas: « ¡ Señor, que volte san! »
E afogadas, em puro amor somentes
« ¡ que volte! » din as nais.

RAMÓN CABANILLAS.

COMO TI QUEIRAS

Amada, escuita a voz do teu amigo
mansíña e mol como a d-un anho novo
ou fera como a d-un faminto lobo
segundo sexa o anjo ou o enemigo.

Juiz do meu amor ou má testigo.
Acochadinho viverei no tobo
c-os agarimos que contento proba
do teu olhar no que feliz me abrigo.

Mais se ti queres vel-a valentia
dos namorados corazons humanos,
que eu seiba que a turbar tua alegria

Chegaram d'outra terra homens extranhos
e olharas-me, arriscado na porfia
morrer como os antigos espartanos.

(Do libro no prelo « D'Outono »).

G. LÓPES ABENTE.

A PROPÓSITO DA "DIANA"

Desfeito da pena há alguns mezes, é com um gosto grande que hoje a volto a empunhar.

Um não sei quê de frio ma esfriara, e eis que de súbito se aqueça, se revigora ao saudável calor benéfico dum livro, perfeição amorosa de um belo «Par» literário. Na verdade, como diz Afonso Lopes Vieira, a *Diana* se casa perfeitamente a *Amadis*, e de tal gosto, com tão natural e vívida tendência, que nem parece senão que no lar dos leitores portugueses é, de coração perfeito, — *la perfecta casada*.

Mas dessa bela obra que é a *Diana*, reintegrada no seu papel português por mão admirável de mestre, não quero agora extrair mais que o pretexto, edificante e preciso, para falar desse mestre: entendedor tão consumado da língua, tão seu leal servidor, que eu não creio haver outro em todo Portugal com mais preclaras qualidades. Gosto, justeza e preceito se juntaram neste grande poeta, Afonso Lopes Vieira, a quem chamaria militante o que quisesse dar medida exacta d'êlo.

Eu já não falo — porque é um dogma quasi — na sua forte individualidade lírica, no *quid* que o instalou no *braço* da nobreza da nossa grei letrada. Em tal comuna ordeira, — *gradus diversi et ordines distincti* — tem êle lugar que se conhece bem. Falo de preferência no altíssimo valor que Afonso Lopes Vieira representa, numa novelística derreada como a nossa, para o efeito de restabelecer os padrões do génio da linguagem. É neste campo que o seu talento prevale.

Perfeitamente identificado com tôdas as *medidas* da nossa bela estilística, desde a *medida velha*, com que privou em mestre Gil dos *aitos*, até a *nova medida*, a policiada medida italiana do grande Sá de Miranda, Afonso Lopes Vieira refina as prosas vetustas, reaquece os fólhos frios, e milagrosamente nos persuade de que há de feito alguma coisa de adquirido, consumado e perfeito na arte de escrever, que é forçoso estimar.

Assim, ao lado dos grandes modelos pessoais da prosa, original e innovada, vai encorpendo aquele modêlo que é entre todos permanente e vivo, como que o vaso sacro da linguagem. A-par da maneira de Camilo, do geito de Eça, do modo de Fialho, das feições de Malheiro Dias, Raúl Brandão e Aquilino, Afonso Lopes Vieira vai dispondo o que há de essencial no verbo português, sua constância e irreductibilidade à moda, — seu substracto; e isso o faz com tão perfeita perícia, que admira como alguém possa — e êle o pôde — celebrar *justae nupcia* com «língua madre e senhora». E é êste casamento que sobretudo o exalça.

Poderá discutir-se se a rigidez do estilo, a severa conformidade aos cânônes da língua é uma virtude ou um vício. Estremar-se hão os puritanos puristas dos neologistas relapsos. Irão a uma banda, uns, ao outro lado, os outros; e estes ficarão mais perto da verdade. Mas o que é inegável, e em Afonso Lopes Vieira se entende, é a excelência educativa do seu processo afinado, nem hirto por demais nem blandicioso em excesso, justo e ágil, superiormente elegante porque sóbrio e corrente.

Na milícia dos escritores portugueses, querendo comparar Afonso Lopes Vieira, eu só conheço uma figura apta para sofrer confronto. E sofre-o, não no seráfico, melifluido geito de retratar finezas ou distender conceitos. Porque refiro ao nosso bom Bernardes, excluo a candura e o Oratório. Mas ficam d'êlo, a emparelhar com o prosador moderno, a ordenação serêna do discurso, o sábio dom das palavras, a êsse gosto archi-perfeito de linhas que de ambos faz exemplos.

Os vocábulos, nas obras dum e doutro, são como ideias cunhadas, intangíveis valores em que não ousam bolir como nos vasos sagrados. Daqui, talvez lhes venha algum prejuizo!... Mas o que para cada um d'êles se perde é ganho para todos, éa — própria nobreza irreductível da língua, a sua virgindade.

VITORINO NEMÉSIO.

A S O I D A D E

Sol a queima, e auga a molla
e-anda a pobriña, sen guía
buscando quen a recolla
dés-que morreu Rosalía.

Pisa cardos, pisa abrollos
e-apénas o sol se pñ
co-as lagrimiñas nos ollos
entra no meu corazón...

Vem, de mansiño, co-a lua...
¡Deus sabe de donde llega!
Portugal dice que é sua,
e-as brétemas que é gallega

E-a enmeigadora sorri!
mentra-la festexo eu,
porque se demora aqui!
si é certo que alá naceu.

Hay n'estes ermos lugares
branca ermida!
e-uns penedos, e uns pinares
que lhe cautivan a vida.

Sol a queima, e-auga a molla,
e anda a pobriña sen guía
buscando quen a recolla
dés que morreu Rosalía

ANTONIO NORIEGA VARELA.

PALAVRAS SÔBRE O SALÃO DE OUTONO

Com Diogo de Macedo, meu dilecto amigo, me fui de visita ao Salão de Outono, agora aberto nas Belas Artes de Lisboa. Bom é referir que tão excelente artista serviu de amparo a quem, como eu, de tudo fala por falar sem mór prazer nem melhor sabedoria que a dum simples olhador de coisas belas. Eduardo Viana, seu organisador, já de meus ouvidos conhecido, visto o eco do seu nome até nesta remota terra ter repercutido, procurou reunir à sua beira expositores que não o diminuíssem antes o elevassem. O menino Deus foi entre os doutores mais celebrado que entre os pescadores de Tiberiade, porque só entre eles seu saber rebrilhou. É agora, no quietismo meditativo desta paisagem coimbrã que eu mais sinto a exaltação das telas de Viana. Tem este pintor, como nota dominante de seu pintar, a riqueza do colorido, uma riqueza humana, sem artificialismos nem alindamentos, uma espontânea riqueza, tôda vibrátil, que não chega a saber-se se teve natal em sua paleta, se na fragrância do motivo. Eduardo Viana é um pintor de seiva, sensual, buscando mais dar-se em suas telas do que dar aquilo que propriamente pinta. Estreita união liga seu ser íntimo ao ambiente exterior, uma verdadeira osmose se realisa entre a alma dêle e a alma da natureza. Não se entenda, todavia, que com isto significar pretendo desumanidade ou superficialidade em suas telas. Não; Viana é humaníssimo, embora nem sempre verdadeiro. Assim como da combinação inconsciente de dois elementos se gera a água, a pintura de Viana se gera da combinação de duas inconscientes fôrças. A legenda daquele outro pintor, claro pintor de minha maior admiração, Guilherme Filipe: *pinto porque SIM*, melhor caberia a Eduardo Viana do que a êle.

Ah! Será bom, contudo, não esquecer que na combinação da água participam moléculas contadas de hidrogénio e oxigénio e que o artista não olvida outrossim êsse quantitativo, sabendo quantas partes dêste e daquele elemento necessário se torna combinar, de molde a obter determinado efeito. Eduardo Viana pode considerar-se pintor de personalidade distinta, embora Cézanne lhe haja transmitido certas maneiras que êle adopta como filho emancipado.

Por mero prazer de contraste falei, se bem meu falar não consiga dizer a suave impressão sentida, de Lino António. É este artista, desde o nome à moldura dos quadros, o mesmo doce pintor. Doçura mística,

ingénua, a doçura de quem desconhece asperezas na vida, a sua. Brando rio caminha a seus pés, rio de dóceis águas, deixando entrever no fundo a areia virginal que êle pretende beijar, sem sequer mergulhar os lábios na linfa.

Lino António desentranha-se em amor, tocando tudo da mesma pureza. É uma criança com ordenação de homem no pintar. Não sei de quadros que melhor me tenham visitado e em estado de tanta graça eu tenha recebido. Êste moço ainda há-de vir a compor um *Pauvre Pêcheur*, tal-qualmente Puvís de Chavannes. E na côr, na carnação das mulheres, no arranjo dos quadros, a mesma mão tudo dispondo por obra e graça da divina sensibilidade. De seguida, já que dei em saltar dos violentos para os amorosos, e vice-versa, direi que o Antonio Soares conhecido de mil confusas cabeças de mulheres, sementeada por tôdas as revistas de Lisboa, me espantou. Os dois quadros para a Brasileira do Chiado são duas belas promessas. Columbano adivinha-se pairando. A delicadeza característica de Soares, tem seu assento, ainda, nestas telas brumosas. O retrato de *Mota Cabral em traje do pais* é, até certo ponto, do melhor produzido por êste pintor. A mascara sóbria, cheia de carácter, ressalta do fundo com humana viveza; sômente a parte inferior do quadro foi descurada. António Soares entrando neste caminho, entra bem, esquece as fúteis cabeças de mulher tanta vez pintadas. De salto, passarei agora por Milly Possoz, o melhor desenhador do meu tempo, como disse Almada Negreiros. Esta pintora é, por excelência, a pintora das meninas, meninas muito ingénuas que em aguarela nos dá. Mas o que dela mais me agradou foi a gravura em madeira: a delicada trama do desenho, a rebusco do efeito pelo contraste dos negros e depois a execução admirável.

Possoz nada fica a dever a Norah Borges. Almada Negreiros, com grande pezar meu, e, ao contrário do determinado no catálogo, expõe um ou dois desenhos e o óleo destinado à Brasileira, género a primeira vez tentado. É Almada, em meu entender, um grande desenhador e a dedicatória traçada na varina a Milly Possoz, melhor a êle se applicaria. De longe caminha esta admiração por Negreiros, pela variedade de seus talentos, e convicto me encontro que é êle um dos príncipes da arte moderna. Picasso, e, afinal, todos aqueles em quem seus olhos poisam, tem ajudado a formar sua estranha personalidade. Uma penetrabilidade a tôdas as correntes caracteriza Almada

Negreiros e uma fina inteligência é condão propiciatório à realisação de sua obra inteligente. O quadro exposto deixa adivinhar, debaixo das tintas, o lápis desenhando.

Mário Eloy nem sequer me beliscou, é um pintor que se me afigura apagado, pintando de além túmulo. Pode, no entanto, ser erro de minha sensibilidade. Jorge Barradas ficou-me nos olhos pela graça do colorido. É um precioso decorador que nada mais nos dá além duma persistente nota de côr na retina. Sára Afonso e Maria Clementina, isoladas as deixei de Possoz porquanto estas são mais mulheres do que aquela, pintando. Enquanto as primeiras compõem, delicadamente sim, mas com delicadeza expontânea, feminina, a última é já um homem ordenando a graça e a ingenuidade sábiamente. Sára Afonso e Maria Clementina, são de natural simples e harmoniosas, como tôdas as mulheres; Milly Possoz é simples e harmoniosa também, mas mais por rebusca que por naturalidade. Mingua-me espaço para melhor referir nomes que mereciam de minha sensibilidade outra ternura, que não esta de sôbre êles passar tal o vento sôbre seára de trigo. Limitarei minhas palavras a Ortigão Burnay e pouco mais. Pintor feito, romântico até à raiz dos cabelos, e duma delicadeza doentia que nos enche de vaga tristeza: foi êle o único que me fez pensar. Manuel Jardim, Amadeu Cardoso e Santa Rita, figuram no Salão por homenagem de seus camaradas. E figuram bem. De Manuel Jardim são os desenhos de linhas simples, à Holbein, com minúcias de visão feminina, já de meus olhos tão queridos e últimas composições do artista na ante-câmara da morte. Amadeu Cardoso, de caprichosa imaginação e Santa Rita, com dois dos poucos quadros que deixou, futuristas à maneira de Boccioni, Severini e tantos outros, fecham a trindade dos levados pela feiticeira princeza das mãos frias. De Albert Jourdin, Alberto Cardoso, etc. e de todos os architectos que tão bem se apresentam no Salão, diria o que dêles penso se não fôra esta natural impossibilidade e tirânica imposição do tamanho contado do papel. Termine comigo próprio satisfeito, visto o ingénuo íntusiasmo que de tão longe me levou a visitar o Salão de Outono, ter sido recompensado, e bem, pelo valor das telas expostas, provas patentes que a serenidade entrou nos espíritos e o equilibrio duma nova arte se vai impôr aos pinta-monos da nossa terra.

JOÃO GASPAR SIMÕES.

O Desejado — Testemunhos históricos com perfácio e notas por António Sérgio.

(Conclusão)

Depois de ver como o sr. Antero de Figueiredo perdeu a batalha de Alcácer-Kibir travada em favor de D. Sebastião, conseguindo, contudo, pôr-se a salvo para fazer outros livros com outros cronistas, só mais duas palavras. O sr. António Sérgio, que anda há anos « neste trabalho, doloroso e antipático, de converter à disciplina a inteligência portuguesa » também entra na liça, mas pelo lado oposto: mostrando a rial figura de D. Sebastião que seria quasi quixotesca se não fôsse também grandemente trágica. A carta a Malheiro Dias fica como um completo expositório de crítica, raciocínio e ataque; e só um natural enfado ante tanta asneira explica certos exageros de expressão qualificativa. A sua leitura é a condenação do despautério místico actual e concorda-se que, de facto, o sr. Malheiro Dias seguiu o melhor caminho: recitar aos pardais do Buçaco os conceitos escritos para os estudantes de Coimbra. E daí, não é inverossímil que a recepção outrora feita ao rei se repetisse. Altamente significativo, pelo contraste, é ainda o processo que seguiu: colecionou os textos, pô-los aos olhos dos leitores e deixou-os julgar. Mas talvez por e por que, embora escreva em excelente e claro português, é adversário da fantasia como processo e método, foi um alevante de insultos no arraial dos derrotados de Alcácer... Não nos dá grande cuidado, que o sr. António Sérgio tem feito das suas ideias uma sementeira maior do que talvez julgue.

M. C.

Palavras inuteis — Versos de Aguiã de Pina — Lisboa, 1924.

Alindado com uma capa de Targarro chegou-nos o primeiro livro do môço poeta Aguiã de Pina. É um livro muito simples, direi mesmo ingénuo.

Influenciado por António Nobre e Correia d'Oliveira mais nitidamente, deixa-se contudo advinhar aqui e além, atravez dum ritmo mais doce, uma sensibilidade. Infantilidades há-as. Mas o que deve sempre admirar-se, não é a realização, porque esta pode não ser atingida, é a tentativa. Ora Aguiã de Pina tentou fazer um livro belo, um livro com emoção.

Conseguiu fazê-la aflorar por vezes, e « uma gôta de emoção transforma um minuto da vida — e é esse o único minuto que conta », disse o grande poeta dos Pobres.

B. F.

Homenagem a António Augusto Gonçalves — 3^a de Julho de 1921. — Imprensa da Universidade — Coimbra, 1923.

Este livro regista um facto invulgar no nosso meio e no nosso tempo — o de um grupo de cidadãos, muitos dêles eminentes nas sciencias, nas letras e nas artes, tributar pública homenagem a um vivo!

E com agravante: é que esse vivo nem é chefe politico, nem ministro, nem banqueiro, nem membro das juntas de inspecção militar!

Casos dêstes, suposemo-los sempre fora das possibilidades humanas. Porque o homem, regra geral, é um ente mesquinho, invejoso, quesilento, não vendo nunca, com bons olhos, que o semelhante seja maior, melhor ou mais capaz do que êle.

Neste tudo falhou. Todos vieram curvar-se perante um simples homem que nada pode dar-lhes, a não ser o exemplo de sua vida laboriosa, inteligente e honrada.

É certo porém, que tais qualidades se impõem à admiração dos justos e dos bons, e aqui á de todos os amigos das artes belas.

É o que se conclui dessa homenagem, onde figuram nomes como Costa Mota, António de Vasconcelos Simões de Castro, Braamcamp Freire, Carlos Reis, Columbano, Eugénio de Castro, Jaime Cortezão, Magalhães Lima, José Malhõa, Julio Dantas, Júlio Henriques, Leite de Vasconce-

los, Luciano Freire, Silva Gaio, Raúl Brandão, Raúl Lino, Reinaldo dos Santos, Teixeira Lopes, Vergilio Correia, etc.

Que dizem êsses artistas e pensadores?

Que quando um mestre consegue realizar uma obra da grandeza da que nos lega António Augusto Gonçalves, só um sentimento se compreende e justifica em sua presença, o da admiração!

T. DA F.

Ronsel

Recebemos, e muito agradecemos, esta revista, dirigida por A. Cebreiro e Correa Calderon, que, de Lugo-Galicia, nos veio e é uma bela prova da maneira como na visinha terra se cultivam as artes e a literatura.

Poemas Galegos

Da irmã Galiza nos vieram, pela mão afavel de Alvaro Cebreiro, os poemas que ora publicamos. São êles de Correa-Calderon, o lirico mavioso, que em prosa, lirico é ainda, Ramón Cabanillas que no « Vento Mareiro », lembra Rosalía Castro, López Abente de amorosa e mansa voz e Noriega Varela, o poeta da saúde. Eugenio Montez e Vitorino Taibo outros tantos inspirados poetas irmãos, de não menor valor, ficam mau grado nosso, para, em seguintes números, virem a público. Por absoluta impossibilidade material os deixamos de remissa, do que pedimos desculpa a Cebreiro, tão amável intermediário entre êles e a nossa revista. É do mesmo Alvaro Cebreiro, o desenho que reproduzimos, pintor que, com Castelao, forma o diptico de pintores mais de nós conhecidos, irmãos galegos de nascimento e galegos no geito de compor pela saudável melancolia, em todos seus trabalhos esparsa.

Aqui deixamos patente nosso reconhecimento e, do coração agradecemos, a preciosa colaboração, que da querida irmã Galiza nos veio, tal ramalhete de flores, alegrar a monotonia da nossa revista.

J. G. S.

número

6

série

2

PUBLICAÇÃO MENSAL DE:

Afonso Duarte — Alberto Van Hoertre de Teles Machado — António de Sousa — Augusto Telo — Branquinho da Fonseca — Campos de Figueiredo — Guilherme Filipe — João Gaspar Simões — Vitorino Nemésio.

Número avulso 1\$50; Série de 3 números 4\$50. Redacção: T. da Rua do Norte, 4

Coimbra

15

janeiro

1925